



A
segunda
vida

Elizabeth Regina Comini Frota

Cooperada de Neurologia

O médico veio circunspecto lhe dizer que estava com hepatite B, e que provavelmente contraíra a doença por contato sexual. “O senhor não foi vacinado?” perguntara o médico. “Doutor, nem sabia que existia esta doença, muito menos vacina contra ela .”

Nascera o mais novo de dez irmãos, e o pai marceneiro, era um artista, mas muito pouco comerciante, mal conseguia o sustento dos filhos. A mãe não tinha nem mesmo esperado a chegada da parteira e dera a luz ao filho mais novo sozinha, e desde então entregara a criança para que as filhas mais velhas cuidassem. As filhas ainda crianças, 8, 9 e 10 anos, fizeram dele o brinquedo que nunca tiveram. Aquele menino lindo, de olhos verdes, cabelos negros, macios e cacheados, tornou-se o filho de brinquedo, e muitas vezes a filha também. Vestiam-no com camisolas, deixavam-lhe os cabelos grandes para fazer tranças. A mãe achava bonitinho, e o pai nunca via, porque chegava em casa com os filhos dormindo e saía com o nascer do sol, sem vê-los.

Aos 8 anos, contraiu uma doença, começou a inchar como uma bola, e como ninguém tomava providência alguma, o irmão mais velho que tinha um carrinho de madeira com rolimãs, levou-o no carrinho até a Santa Casa, o hospital público que acolhia as pessoas sem recursos na época. Diagnosticado com nefrite, ficou 4 meses internado. Quando recebeu alta, como ninguém vinha buscá-lo, foi sozinho a pé para casa.

Aos quatorze anos era um garoto bonito, fazia sucesso com a altura, os olhos verdes e o talento para dança. Dançava boleros, as músicas das grandes orquestras, rodopiava pelo salão com desenvoltura digna de um bailarino profissional. Sonhava com os filmes de Fred Astaire e Ginger Rogers. A realidade de uma família pobre na época batia à sua porta, saiu da escola, foi trabalhar em um supermercado para ajudar na casa e no seu

sustento. Os sonhos de ser arquiteto, de ser bailarino, ou de ser desenhista para o que tinha incrível talento, ficaram pelo caminho.

Quando o pai morreu era o único filho solteiro e assumiu o cuidado da mãe e irmãs solteiras. Trabalhava muito, e nos fins de semana revivia seus sonho da dança, agora já fã incondicional da música dos Beatles, dos filmes de Elvis Presley, onde aprendia os passos e treinava sozinho. Ensinava amigos e sobrinhos a gostarem das músicas boas de todos os tempos, dizia que música não conhece gerações, trazia para casa todos as novidades em músicas que podia comprar. Era extremamente integrado à família, aos sobrinhos, às irmãs que o criaram.

As mulheres lhe caíam nos braços, mas não se interessava por namoro, e a única por quem realmente se declarou apaixonado não lhe dava nem confiança porque os pais não deixavam que namorasse um pé-rapado. Nem mesmo um pé-rapado bonito.

Era autodidata, não pudera estudar, mas comprou uma enciclopédia em suaves prestações e estudava os verbetes, geografia, história, biografias de músicos famosos, sabia tudo, e encantava as pessoas em volta com seu conhecimento.

Conheceu uma moça extremamente recatada, caseira e resolveu namorar sério, porque os amigos estavam casados, os irmãos também, já estava ficando para titio. Ainda assim durou seis anos o namoro porque dizia que não casaria sem ter onde morar.

Casou-se aos 40 anos, decidido a criar uma família, e logo vieram dois filhos. A mulher pediu a separação com 8 anos de casados, porque conheceu e gostou de outra pessoa. Sua vida desmoronou. Passou a caminhar sozinho pelas ruas, sentava-se sozinho nas praças, nem se lembrava mais

do sonho de dançar, ou de ser desenhista. Os sonhos foram enterrados junto com as exigências da vida.

Aos poucos foi enterrando esta primeira vida e começou uma outra, a verdadeira, a sua segunda vida, aquela que deveria realmente ter vivido desde o início se não houvesse tanto medo do preconceito. Da solidão nasceu Fênix, renovado, decidido a viver o que nunca ousara. O que escondera toda a vida tomou corpo, já tinha vivido como homem, já havia se dedicado a fazer tudo que a sociedade machista exigia, era forte, capaz de brigar com os cunhados para defender as irmãs, era um ótimo pai. Mas sua alma feminina por quase 60 anos sufocada e maltratada desabrochava agora, livre, pedindo espaço para voar, como a borboleta que abandona o casulo, como o pássaro que abandona o ninho.

Morreu de insuficiência hepática, ainda no começo da segunda vida, sozinho no leito do CTI. Tivera tempo de contar sua história para o médico, sorrindo, sem pesar, sem dramas, mas não teve tempo de chamar o amor da sua segunda vida, para dizer-lhe que tomasse cuidado com a doença. Não teve tempo de assumir para a família esta segunda vida, ainda em segredo, ainda sob o manto do medo e do preconceito. Voou sozinho valsando ao som dos boleros, dos Beatles e levando em seu peito a rosa e o cravo, os olhos verdes de um gato, ou de uma gata, ou dos dois.